

# Apresentação

Benito Bisso Schmidt\*

Helen Osório\*

Regina Célia Xavier\*

Sílvia Regina Ferraz Petersen\*

O dossiê que ora apresentamos tem origem nos intercâmbios e reflexões possibilitadas pelo Programa Nacional de Cooperação Acadêmica – PROCAD “Cruzando fronteiras: a história do trabalho no Brasil para além das dicotomias tradicionais”, que desde 2007 integra pesquisadores da UFRGS, da UFRRJ e da UFSC na tentativa de superar limites que tradicionalmente isolavam em campos de estudo diferenciados o trabalho livre e o trabalho escravo, o trabalho urbano e o trabalho rural, o trabalho formal e o trabalho informal, o movimento sindical pré e pós-1930, entre outros. Tal projeto acompanha, assim, um movimento mais amplo de renovação historiográfica sobre o mundo do trabalho que, no Brasil, expressou-se com a criação em 2001 do Grupo de Trabalho “Mundos do Trabalho” no âmbito da Associação Nacional de História – ANPUH, o qual, a partir de então, tem assegurado um espaço permanente de debate aos investigadores do tema em simpósios, jornadas, listas de discussão e publicações.

Essa articulação de esforços resultou, por um lado, na formação de uma nova geração de historiadores interessados em investigar diversos âmbitos do mundo do trabalho, o que tem

---

\* Professores do Departamento e do PPG em História da UFRGS.

8 permitido a renovação de uma área temática que, por algum tempo, foi considerada esgotada. Basta uma rápida passada de olhos pelos títulos e resumos de trabalhos de conclusão de curso, monografias de especialização, dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas nos últimos anos em diversos cursos de graduação e pós-graduação em história do país para se notar a vitalidade da área e a criatividade dos enfoques adotados. De outro lado, mas em estreita articulação com o movimento anterior, emerge uma nova concepção da classe trabalhadora brasileira que “transborda” do estereótipo do operário fabril, branco, masculino, submisso ao Estado após 1930 e cuja história “nacional” pode ser deduzida a partir das experiências do Rio de Janeiro e de São Paulo, estereótipo este elaborado a partir de algumas sínteses sociológicas das décadas de 1960 e 1970 e/ou de um paradigma europeu idealizado. Os artigos incluídos neste dossiê dão provas cabais de que o mundo do trabalho no Brasil sempre foi muito mais complexo e de que as análises sobre ele têm procurado dar conta dessa complexidade.

Nesse sentido, os textos de Vânia Maria Losada Moreira e Roberto Guedes, acompanhando uma tendência historiográfica mais ampla, nacional e internacional, examinam experiências de trabalhadores indígenas e negros no século XIX em diferentes regiões do país, evidenciando-os como integrantes da classe trabalhadora brasileira, ao enfocarem as formas de exploração a que estavam submetidos e os mecanismos que encontraram para construir seus destinos. Fazendo ambos uso de fontes diversificadas, Moreira investiga a relação dos trabalhadores indígenas com o aparato estatal no Espírito Santo e mostra o impacto do sistema político-administrativo criado para captar o trabalho indígena na reprodução das fronteiras étnicas entre os índios e os “outros” moradores da província. Já Guedes, acompanhando a trajetória de vida do carpinteiro crioulo Samuel da Rocha no oeste paulista, interpreta dimensões mais ampla da exploração na sociedade escravista.

Barbara Weinstein, por seu turno, analisa a construção de novas formas de feminilidade adequadas à expansão do operariado feminino no Brasil e na Argentina no século XX. Regina Weber dá visibilidade a um grupo étnico pouco presente nos estudos sobre a classe operária sul-rio-grandense: os imigrantes galegos, investigando

algumas alternativas profissionais que a eles se apresentavam na capital gaúcha em meados do século passado.

9 Num outro registro, Beatriz Ana Loner retoma um tema tradicional, mas nem por isso menos importante, da história operária, as organizações políticas dos trabalhadores, lançando sobre ele um olhar inovador ao investigar seus projetos de intervenção na política estadual e nacional no início da República, bem como os obstáculos que se interpuseram a tais tentativas e que acabaram determinando o seu fracasso.

Por fim, dois artigos mostram como essa renovação da história do trabalho está intimamente associada a transformações teóricas e metodológicas e à utilização de novos acervos documentais. Nesse sentido, Alexandre Fortes retoma as ideias de E. P. Thompson – certamente o autor que mais contribuiu para a transformação desse campo de estudos –, em especial o uso feito por ele do conceito de populismo e sua análise de fenômenos correlatos, contribuindo no sentido de se averiguar sua pertinência, como referencial teórico, para pensar a participação política da classe trabalhadora brasileira no pós-1930. Por fim, Paulo Pinheiro Machado nos apresenta a Biblioteca Pública Arús, localizada em Barcelona, Espanha, indicando sua importância para os estudos sobre movimento operário europeu e latino-americano na virada do século XIX ao XX.

Esperamos que estes textos instiguem a pensar, de forma cada vez mais densa, o mundo do trabalho, possibilitando que a renovação historiográfica referente a esse campo de estudos se aprofunde e frutifique em novos dossiês.